

PARTICIPAÇÃO: UM CONCEITO QUE PARECE NÃO ESTAR CLARO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Jacqueline Zilberstein¹
Fabiano Bossle²
Flávia Fernandes Cardoso³

RESUMO

O propósito deste estudo foi compreender a participação nas aulas de educação física na perspectiva de alunas do Ensino Médio e de professoras desta disciplina do Colégio de Aplicação UFRGS no ano de 2013. O estudo ocorreu no Colégio de Aplicação da UFRGS e envolveu duas turmas femininas do Ensino Médio da disciplina de Educação Física, bem como, as duas professoras destas turmas. Foi realizada uma revisão bibliográfica e, em seguida, uma pesquisa de campo, utilizando como instrumentos a análise de documentos, a observação, a aplicação de questionários para professores e entrevistas com as seis alunas. Entre as interpretações que fizemos no processo de análise das informações coletadas, destaca-se que a participação no CAP tem sido entendida a partir da produção do gosto, aproximando a disciplina de Educação Física à ideia de fruição, e, também, de pouca reflexão e baixa produção de aprendizagens significativas.

PALAVRAS-CHAVE: Participação nas Aulas. Educação Física Escolar. Ensino Médio. Pesquisa Qualitativa.

INTRODUÇÃO

A partir da análise realizada nos estágios de docência no Ensino Fundamental e Médio na cidade de Porto Alegre foi possível interpretar que algumas aulas de Educação Física (EFI) escolar têm sido desenvolvidas priorizando a dimensão prática e, com isso, há um fator que tem sido central na avaliação do ensino e da aprendizagem: a participação dos alunos. Deste modo, a participação parece adquirir uma significativa proporção nas aulas. No Ensino Médio, por exemplo, onde ainda parece confusa a discussão sobre os conteúdos de ensino na EFI, a participação parece um conceito explorado de maneira diversa, complexa e talvez, equivocada.

¹ Escola de Educação Física da UFRGS

² Professor de Graduação e Pós-Graduação Esec/UFRGS

³ Escola de Educação Física da UFRGS

Até os anos 1980 a orientação pedagógica dos professores de EFI se dava na forma de uma indicação direta e prescritiva para a prática pedagógica, como um manual, homogeneizando o trabalho. Tal formação se dava por conta de uma visão social da EFI voltada à disciplinarização e o condicionamento do corpo. Tendo a influência das áreas de Ciências Sociais e Humanas, a EFI passou a criticar os materiais e produções que tinham a determinação de práticas padronizadas e direcionamento da pedagogia, pois desrespeitam a pluralidade de culturas e de sujeitos, alunos e professores (MORAES et al, 2008).

Diante disto, a interação social - característica expressiva das aulas de EFI escolar – ratifica a importância da participação dos alunos nessas aulas e o uso desta como um dos (por vezes o único) critérios de avaliação. Entretanto, há questões que entendemos importantes a fim de compreender o sentido desse critério de avaliação: como se avalia a participação? Como se afirma que um aluno participa mais que outro? Qual o objetivo dessa participação? A partir destas questões, a questão central que orientou nossa pesquisa foi *“Como alunas e professores do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFRGS (CAP) entendem a participação nas aulas de EFI e quais elementos contribuem ou limitam esta participação?”*.

METODOLOGIA

A partir da delimitação do problema de pesquisa, classificamos este trabalho como de caráter qualitativo, pois interpretamos as informações coletadas para compreender o que as participantes pensam sobre o fenômeno do estudo. Inicialmente, foi realizada análise de documentos do CAP da UFRGS, desde o Projeto Pedagógico, Plano de Ensino das Áreas e da disciplina EFI. Posteriormente, foram realizadas entrevistas do tipo semiestruturadas com 06 alunas (03 participantes ativas e 03 participantes não tão ativas), que foram gravadas e transcritas; questionários estruturados com as 02 professoras de EFI e observações de uma aula de cada modalidade escolhida, das quais foram realizados registros em diário de campo para análise posterior das informações coletadas.

A escolha do CAP da UFRGS se estabeleceu em função da singularidade da proposta da disciplina da EFI. Esta proposta está amparada na perspectiva de que cada grupo de estudantes (turmas ou anos) propõe uma modalidade de práticas corporais e, ocorre uma decisão em plenária das atividades que serão desenvolvidas ao longo do ano letivo.

ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

A coleta das informações nos permitiu interpretar que a participação não está suficientemente clara para os participantes do estudo. Podemos interpretar também muitas formas de compreendê-la, entendendo desde as experiências na formação inicial em EFI das duas professoras participantes, da intencionalidade do plano de ensino da EFI no CAP da UFRGS e, de como as estudantes se percebem e produzem sentido e significado às suas práticas com a EFI.

Entendemos que a participação na EFI pode ser entendida como o ato por onde os participantes fazem, conhecem e/ou interagem socialmente de forma a gerar um aprendizado crítico quando se envolve efetivamente em todas as dimensões – conceitual, atitudinal e procedimental. Sublinhamos que tal definição está pautada no ensino baseado nas competências de Zabala e Arnau (2010), compreendidas como intervenções pontuais diante de situações problemas reais e por meio de ações mobilizadas pelos componentes atitudinais, procedimentais e conceituais (DIAS e LOPES, 2013). A partir dessa compreensão, podemos afirmar que não existe uma participação melhor ou pior, e sim diferentes níveis de participação, sendo ela excelente quando o aluno atinge as três dimensões de saberes, pois há uma aprendizagem maior e, ao professor, pode significar que os objetivos da aula foram atingidos.

Sobre objetivos, o Projeto de Ensino Médio em Rede do CAP da UFRGS (COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS, 2012) é pautado no desenvolvimento das competências nas dimensões atitudinal, procedimental e cognitiva. Ao final do processo formativo do Ensino Médio, os alunos do CAP da UFRGS deverão ter desenvolvido competências nestas dimensões que se refletirão na forma de: concepções de ações representadas nas atitudes, permeadas por organização e valorações da sala de aula, bem como pela postura ética; desenvolvimento do saber fazer em sala de aula, recursos de ação sobre os conceitos no que se refere à organização mental para compreender o que e por que está se fazendo e aprendendo; permitir a utilização dos conceitos para representar e enfrentar situações novas. A parte destinada à disciplina de EFI no Projeto do colégio é voltada para a busca de alternativas que

faça o aluno participar da aula na sua forma prática, e, interpretamos nesta análise que da forma explicitada, a disciplina atribui maior ênfase à dimensão procedimental.

A participação nas aulas de EFI no CAP da UFRGS, na perspectiva das participantes e de nossa interpretação singular sobre o que disseram, parece ser pensada na sua forma procedimental, e isso aparece primeiramente na disposição da carga horária, onde a EFI está colocada no turno inverso ao regular, o que pode representar um caráter facultativo a disciplina e, também, pode ser pautada por uma concepção de fruição e lazer equivocada e não de uma disciplina com conteúdos específicos como as presentes no turno regular.

A preocupação com a dimensão procedimental na avaliação dos alunos fica explícita nesse trecho extraído do Projeto de Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFRGS (2012, p.16):

Assim as atividades propostas além de atingir o caráter opcional como já ocorre na EF do CAP, poderão contemplar as afinidades sociais do aluno, muito importante para adesão nas práticas, e a intensidade da aula, onde os objetivos poderão ser propostos de forma desafiadora, tornando a aula mais atraente para todos.

Como as aulas são divididas por modalidades sugeridas pelos alunos e os mesmos podem escolher de qual querem participar, as aulas têm uma maior probabilidade de ter a tal “adesão”, que entendemos representar certa confusão com a ideia de participação utilizada pelos professores. Tal equívoco é percebido na fala de uma das professoras ao definir que participação: “[...] é a atividade de realizar ou não uma tarefa, ou o que foi proporcionado pelo professor. É um compartilhamento da atividade” (fragmento do questionário com a professora Beatriz).

Podemos interpretar que a participação está sempre ligada à prática da aula, seja realizando o que a professora propôs, ajudando-a durante a aula ou realizando um relatório da mesma. Não há uma preocupação se o aluno aprendeu sobre o conteúdo que está sendo ensinado, se ele ajudou os colegas, se atrapalhou a aula, se fez de qualquer jeito, ou se consegue fazer relações sobre o que está sendo ensinado e os demais conteúdos.

A proposta está baseada em uma Efi que estimule o adolescente à prática, levando em consideração a preferência dos mesmos em relação à atividade física e o grupo de praticantes, pois acreditam que estes sejam fatores preponderantes para o desenvolvimento do vínculo com a prática de atividade física. Ao passo que a proposta estimula a prática, parece não haver

uma preocupação com o aprendizado que tal possa proporcionar, sendo assim, a aula de EFI acaba sendo somente a prática pela prática, sem reflexão a cerca da mesma.

Esta atitude é contraposta pelo próprio Projeto de Ensino Médio em Rede do CAP da UFRGS (2012, p.14), onde versa que:

“[...] se a competência do “saber-fazer” tem sido um dos fatores de distanciamento nas práticas de atividades físicas, é porque há ineficiência pedagógica – de sistema e professores - para resgatar o aluno”.

Novamente nos deparamos com a ideia que não parece a mais adequada de avaliar somente a dimensão procedimental nas aulas de EFI. Se as aulas beneficiam alunos habilidosos, o que é ensinado e avaliado não é somente o saber fazer? Tal metodologia propicia a participação dos alunos menos habilidosos? O que o mais o aluno aprende além de executar o gesto ensinado? E a interação entre os diferentes anos do Ensino Médio realmente proporciona uma maior participação dos alunos?

Destacamos também alguns fragmentos das entrevistas realizadas com as alunas do CAP da UFRGS quando questionadas sobre qual acreditavam ser o objetivo da EFI no Ensino Médio:

"Ah, eu acho que para conseguir manter o nosso corpo em equilíbrio porque se não... Sei lá, evitar o sedentarismo". (fragmento da entrevista com a aluna Anita).

"É, dentro do currículo escolar... pra gente não ficar sempre parado". (fragmento da entrevista com a aluna Joana).

"Como a gente é ensinado a desenvolver o cérebro a pensar, a pesquisar, a gente também tem uma parte que desenvolve o corpo" (fragmento da entrevista com a aluna Manoela).

Os objetivos citados pelas alunas vão ao encontro dos objetivos da Proposta do CAP da UFRGS (2012, p.16), "aprendizagem para um estilo de vida cada vez mais saudável física, social e psicologicamente". Contudo, as alunas não têm clareza dos objetivos da EFI no Ensino Médio, reduzindo assim a sua visão sobre as inúmeras possibilidades que a cultura corporal de movimento oferece. A escolha das modalidades parece tratar mais de uma autonomia relativa (sem suporte), pois, o que é privilegiado é a escolha da modalidade pelo gosto, pela prática, pelo saber fazer e não pelo aprofundamento dos saberes sobre a cultura corporal de movimento, ou seja, a EFI apresenta alguns saberes, mas oculta outros, o que faz

com que o processo de escolha se torne frágil em função do pouco conhecimento sobre a diversidade da cultura corporal de movimento.

Participar da aula é interagir com as atividades propostas e com as demais pessoas da turma, ser atuante, se apropriar do que acontece naquele tempo e espaço. Fazer somente o que está sendo proposto, sem se importar com a forma que está sendo realizada e o porquê de tal é apenas prática pela prática (JACÓ E ALTMANN, 2012).

O que causa estranhamento é a menção ao termo *gostar* se referindo a participação. Este termo aparece em vários outros momentos da entrevista e na fala de todas, seja quando perguntado sobre a escolha da modalidade, ou os objetivos da EFI, fatores que favorecem e não favorecem a participação e etc.

O (não) gostar influencia na participação - desde a escolha da modalidade - na EFI do CAP e a falta de critérios de avaliação subsidia tal fato, sem preocupação com a aprendizagem. O fato de gostar ou não de determinada modalidade não significa que o aluno terá seus interesses atendidos. Sendo assim, o professor pode procurar melhorar a relação entre as necessidades e os interesses das alunas no momento da escolha das modalidades, pois a partir do momento que as alunas não têm suas necessidades atingidas, elas tendem a se desmotivar (GALLAHUE E OZMUN, 2003 apud MOREIRA, PEREIRA E LOPES, 2009).

A partir das interessantes falas das participantes do estudo, nos parece evidente que as aulas de EFI no CAP da UFRGS têm privilegiado a motivação para participar – o que vai ao encontro do Projeto de Ensino Médio em Rede. Ocorre que esta participação tem sido entendida a partir da produção do gosto – de gostar ou não de determinada atividade ou modalidade. Por isso a escolha da modalidade se torna relevante na lógica pensada para a EFI no CAP da UFRGS, contudo, parece que a preocupação é com a promoção deste gostar em estar lá, realizando a atividade e, quem sabe, ocupar o tempo de maneira prazerosa. Parece que o prazer é central nesta ideia de gostar, de aproximar a disciplina de EFI da sensação de satisfação, de fruição, mas de pouca reflexão e produção de aprendizagens significativas. Neste sentido, tem mais importância a participação na atividade da aula quando as alunas estiverem gostando, e não aprendendo e produzindo sentido ao seu fazer. Deste modo, a EFI perde a sua legitimidade como componente curricular que influi na formação do indivíduo como um todo e passa a ser um mero momento de lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interpretamos que, enquanto não tivermos claro o que é a participação na EFI escolar e não desvincularmos a ideia de que este componente curricular está ligado somente à prática, as aulas de EFI serão vistas como um momento de lazer, ligadas a sensação de prazer, de diversão, e pouca criticidade e baixa produção de aprendizagens, perdendo assim sua legitimidade como uma disciplina que influi na formação integral dos indivíduos. Segundo Frey (2007), a falta de conteúdos nas aulas práticas e teóricas, acaba fazendo com que os alunos elejam a disciplina de EFI a que mais os agrada, pois mesmo sendo obrigatórias a falta de conteúdo – e de cobrança do mesmo – acaba por dar a ideia de que a disciplina tem caráter de lazer.

Há muitos limites que precisam ser superados para que a EFI no Ensino Médio tenha legitimidade de disciplina que produz sentido na vida escolar dos estudantes. O caso do CAP da UFRGS é revelador de uma perspectiva de EFI no Ensino Médio que tem colocado a disciplina em um lugar de exercício da prática e da manutenção do gosto apenas, desconsiderando a produção de saberes e conhecimentos que têm transitado no currículo neste nível de ensino e produzindo uma socialização baseada na prática das atividades, sem outras possibilidades didáticas de interação e, em identidades pouco críticas, já que o processo decisório impõe limitações à construção de autonomias e aprendizagens representativas.

ABSTRACT

The purpose of this study was to understand the participation in Physical Education classes from the perspective of high school students and teachers of this discipline of Colégio de Aplicação UFRGS in the year 2013. The study took place at Colégio de Aplicação UFRGS and involved two female high school classes of Physical Education, as well as the two teachers of these classes. A literature review was performed followed by a field research, using as instruments of document analysis: observation, questionnaires handed out to teachers and interviews with the six students. Among the interpretations that we made in the process of analysis of the collected information, we highlight that participation in the CAP has been understood from the production of taste, bringing the discipline of Physical

Education closer to the idea of enjoyment, as well as to one of little reflection and low production of meaningful learning.

KEYWORDS: *Class participation. High School Physical Education. High School. Qualitative Research.*

RESUMEN

El propósito de este estudio fue comprender la participación en las clases de educación física en la perspectiva de los estudiantes de secundaria y profesores de esta disciplina del Colégio de Aplicação da UFRGS en 2013. El estudio se llevó a cabo en el Colégio de Aplicação da UFRGS y participaron dos grupos de mujeres de la secundaria de la disciplina de Educación Física, así como, con las dos profesores en estas clases. Se realizó una revisión de la literatura y un estudio de campo usando herramientas como la revisión de documentos, la observación, se llevó a cabo cuestionarios para profesores y entrevistas con los seis estudiantes. Entre las interpretaciones realizadas en el análisis del proceso de la información recopilada, se insiste en que la participación en la PAC se ha entendido desde la producción de sabor, con lo que la disciplina de Educación Física a la idea de disfrute, y también un poco de reflexión y baja producción de aprendizajes significativos.

PALABRAS CLAVE: *Participación en las Clases. Escuela de Educación Física. Escuela Secundaria. Investigación Cualitativa.*

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC. Volume:1, p. 213- 238, 2008.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS. *Projeto de Ensino Médio em Rede*. Porto Alegre, 2012.

DIAS, Rosanne Evangelista; LOPES, Alice Casimiro. *Competências na formação de professores no brasil: o que (não) há de novo*. Educ. Soc., Campinas, Volume 24, n. 85, p. 1155-1177, dezembro 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v24n85/a04v2485.pdf>

FREY, Mariana Camargo. Educação Física no Ensino Médio. A opinião dos alunos sobre as aulas. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires – Ano 12 - nº 113 - Outubro de 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd113/educacao-fisica-no-ensino-medio.html>

JACÓ, Juliana Fagundes; ALTMANN, Helena. Participação nas aulas: Pensando a Educação Física Escolar sob a perspectiva de gênero. In: *Grupos de Pesquisa em Educação Física Escolar. IV Seminário de Metodologia de Ensino da Educação Física da Faculdade de Educação da USP - Semef*. São Paulo, SP. p. 01 - 20, 2012. Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/sefef2012/mesa_Juliana_Fagundes_Jaco.pdf



MORAES, Antonio Carlos et al. Conhecimentos de Educação Física. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC. Volume:1, p. 213- 238, 2008.

MOREIRA, Evandro Carlos; PEREIRA, Raquel Stoilov; LOPES, Tamires Campos. Desafios e Propostas para a Educação Física no Ensino Médio. In: MOREIRA, Evandro Carlos e NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. *O Quê e Como Ensinar Educação Física na Escola*. Jundiaí/SP: Fontoura, p. 177-198, 2009.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: GIL, Juana Maria Sancho; HERNANDÉZ, Fernando; NEGRINE, Airton; MOLINA, Rosane Maria Kreusburg. *A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas*. 3ed. Porto Alegre: Sulina, p. 61-99, 2010.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. *Como Aprender e Ensinar Competências*. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

Jacqueline Zilberstein
E-mail: jacquezilberstein@hotmail.com